

RIO DE JANEIRO, BRASÍLIA E SÃO PAULO: MÉMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS CIDADES NAS CRÔNICAS DE RAQUEL DE QUEIROZ

REGMA MARIA DOS SANTOS¹

Ler a escrita da cidade e a cidade como escrita é buscar o legível num jogo aberto e sem solução(GOMES, 1994:16)

As cidades são sempre desafiadores textos culturais para quem se dispõe a lê-los. Estão ali desenhados e materializados projetos, sonhos, desejos. Também ali se explicitam as mais ferozes e duras contradições. Concordamos com De Paula:

Falar das cidades é falar de uma amplíssima realidade que, sobretudo deve ser tomada como complexidade, como diversidade econômica, ambiental, cultural, urbanística, arquitetônica, política e social. As cidades são tanto os dados imediatos de suas materialidades, quanto o impalpável dos sonhos, dos desejos. Essas cidades imaginárias são dimensões paralelas, evocadas pela fantasia e, no entanto, tão reais quanto as cidades de pedra e cal, na medida em que são o fermento e o instrumento da transformação, da busca do melhor modo de viver, mais solidário e prazeroso.(DE PAULA, 2006:21)

Partindo dessas premissas iniciais, pretendemos ler as cidades do Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo a partir das crônicas de Rachel de Queiroz escritas em periódicos na segunda metade do século XX. É possível acreditar que diversas dimensões temporais (presente/passado/futuro) encontram-se estampadas nas páginas dos periódicos, sejam eles jornais diários ou revistas semanais. O presente, apesar de sua efemeridade, revela-se como o mais atuante tempo desses meios, já que estes são feitos para durar apenas por um curto espaço de tempo, e serem logo descartados e substituídos por outros. No entanto, acreditamos que o jornal e a revista também são “lugares de memória”, construídos para durar além daquele tempo rápido e vertiginoso de sua produção e circulação.

Interessa-nos saber como se revela esse aspecto que liga o jornal e a revista, filhos do presente ao passado, à história e à memória. Podemos ainda relacioná-los ao futuro e ao devir. A perspectiva de duração alonga-se também para frente, quando

¹ Professora Associada do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG-Campus Catalão. Realiza Pós-doutorado em Educação na UFU. Colaboradora dos Programas de Pós-graduação em Teoria Literária e História (UFU). Autora dos livros: Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas, história e memória nas crônicas de Lycidio Paes (Aspectus, 2005) e Foto(gramas): pequenos ensaios e textos sobre Cinema e Memória(Aspectus, 2008) e organizadora do livro Brevidades (crônicas de Lycidio Paes) (Educ/Oficina do Livro, 2003).

compreendemos que seu conteúdo quer chamar atenção para o tempo futuro, através da tentativa de prevê-lo. É através desse tempo dialético e semiótico que podemos conceber e observar o jornal e as revistas semanais, através das crônicas, já que esses tempos se sobrepõem e se contaminam. (SANTOS, 2005)

Nesse sentido propomos analisar algumas crônicas de Rachel de Queiroz que tratam das representações sociais que a autora constrói, especialmente, sobre as cidades do Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo. As crônicas: *Os Bondes*, *Cidade do Rio*, *Esses Moços*, *Felizes Moços*, *Brasília e a Rosa dos Ventos* e *Os meninos da rua*, *São Paulo e eu*, expõem algumas considerações da autora sobre o espaço urbano, a transformação das cidades, seus aspectos sociais e as dimensões políticas que se verificam nesse espaço, permitindo-nos compreender um pouco melhor a importância da crônica como memória e sua relação dialética com o tempo.

Adentrando nas cidades por meio das crônicas

Rachel de Queiroz não apenas discute a existência das cidades e apresenta seus problemas, como também propõe soluções, conjectura sobre o futuro das cidades e seus habitantes.

Na crônica *Os Bondes* escrita em 07 de abril de 1975 a autora comenta a novidade apresentada pela imprensa carioca sobre a promessa do prefeito do Rio de trazer de volta os bondes. Num esforço de rememoração e de apoio à iniciativa, a cronista passa a definir o bonde, contrapondo-o aos ônibus, que segundo estatísticas, mata mais gente do que assalto. Ela assim o define:

Bonde, o mais civilizado veículo concebido pela técnica, bonde que não esquenta, não queima óleo, não vomita fumaça, não buzina, não sai do caminho, não ultrapassa os outros, não abalroa, não agride, não vira em canal, não despenca do viaduto, não caça pedestre, não fura pneu, não quebra barra de direção, não dá tranco para acomodar a carga humana, não depende de um motorista sofrendo de psicotécnica, mas de um motoneiro pachorrento, bonde, ah, bonde não sei o que diga em teu louvor, já que, plagiando Manuel Bandeira, por mais que te louvemos, nunca louvaremos bem! (QUEIROZ, 1989: 71)

A autora cita Bandeira, mas vários escritores, ao longo dos séculos XIX e XX utilizaram o “bonde” como mote para suas reflexões sobre as cidades.² Machado de Assis, Olavo Bilac, Oswald Andrade, dentre outros, aclamaram o bonde e as novas

²Sobre essa abordagem ver o interessante artigo *Crônica sobre trilhos: o bonde carioca na obra de Machado de Assis e Olavo Bilac* de Adriana Sardinha Pinheiro.

formas de sociabilidade que o mesmo propiciou. Rachel de Queiroz também enfatiza esse aspecto, comentando que depois do bonde não existe mais maneira dos pobres carregarem seus fardos: “*lavadeira a sua trouxa, mascate a sua mala, vassoureiro as suas vassouras, verdureiro a sua cesta*” (QUEIROZ, 1989:72)

Além de espaço para os trabalhadores carregarem seus utensílios e cestas, conforme a cronista, o bonde também era espaço para o namoro, relatando assim os seus tempos de mocinha em Fortaleza: “O primeiro sinal que de interesse que o rapaz dava à moça era pagar a passagem dela. Se ela aceitava, estava começado o namoro e o galã tinha direito a vir sentar-se ao seu lado, ou pendurar-se no balaústre, junto, se ela ia na ponta do banco”(QUEIROZ, 1989:72) Já no Rio de Janeiro, as moças bordavam grande parte do seu enxoval no trajeto do bonde. Não se fartando a comparação a cronista observa ainda que nos atuais transportes coletivos só se escuta “palavrão, resmungos e ranger dos dentes”, e termina: “ Nesta cidade feroz, seria cada bonde uma ilha de segurança, de amável fraternidade, sempre cabia mais um! ai, que saudades. (QUEIROZ, 1989:73)

Podemos compreender, nesta crônica, os tempos múltiplos da memória. A autora rememora o passado com saudosismo e uma certa melancolia, mas também, no presente, informa os leitores sobre a possibilidade de um retorno e, no futuro prevê relações cordiais e fraternas na reimplantação do bonde.

Na crônica *Cidade do Rio*, escrita em 22 de setembro de 1975 a autora constrói uma análise sobre o Rio de Janeiro e sua “obrigatoriedade” como coração civil, político, intelectual e sentimental de todos os brasileiros. Conforme suas palavras:

Obrigatório era o Rio. O banho de civilização, só excedido por Paris. Ninguém se consagrava fora do Rio, São Paulo que me perdoe. Salvador e Recife tinham suas veleidades, mas os médicos, bacharéis batizados nas suas famosas faculdades, careciam vir se crismar no Rio, se queriam chegar a sumidades. Quem ficava célebre fora do Rio? Até Rui Barbosa precisou do Rio como cenário e auditório. Pinheiro Machado, caudilho gaúcho, teve que vir caudilhar no Rio, porque no Rio Grande não dava. Alguns mineiros excêntricos recusaram-se ao Rio – cita-se Bias Fortes que nunca transpôs a Mantiqueira – e, por isso mesmo, jamais chegaram às posições nacionais, e se perderam nas limitações provinciana³(QUEIROZ, 1989: 77)

³ No livro de Humberto Werneck “O Desatino da Rapaziada”(1992) o autor chama atenção para essa questão enfocando os escritores mineiros que saíam do “útero pantanoso de Minas” para a capital com intuito de conseguir fama e sobrevivência, seja nos jornais, seja na literatura.

A construção de Brasília por J.K. mudando a capital política para tão longe levou a cidade do Rio a ser chamada de “Velha Cap”, em contraposição à “Nova Cap”. A cronista critica o fato de Brasília ter sido feita “em cima da perna, constituída por decreto e povoada por portaria, não teve o tempo nem os meios de se constituir também em centro civilizado e cultural, que tal investidura não se obtém por decreto. Brasília não podia improvisar uma tradição própria de polimento e sofisticação”. (QUEIROZ, 1989: 78)

Exemplifica a autora que se um literato chegasse ao Rio tratava logo de freqüentar livrarias, redações de jornais. Se fosse político iria assistir às sessões da Câmara e do Senado procurando familiarizar-se com as “patativas” e os “quero-quero”. No Rio aprendia-se logo onde comer, comprar roupas, pegar praia, escolher um time de futebol, ler o jornal predileto. “Virava carioca até no sotaque”.

A autora diz estar longe dela a intenção de dizer que Brasília não possuía gente culta, educada, mas esses grupos não se entrosam com a cidade. Queiroz acusa JK de ter acabado com o velho Rio, e o descreve como se encontra em 1975: “Hoje, o Rio caminha para ser uma espécie de Miami, espetada de *merediens*, de *hiltons* e de *sheratons*, para onde os americanos velhos fogem no inverno e onde os negociantes europeus vêm buscar *business* e prazer – o útil e o agradável, como se diz nos anúncios. (QUEIROZ, 1989:79)

Aqui o Rio de Janeiro é pensado em relação à Brasília, como se uma cidade houvesse tirado da outra sua essência. A autora assistiu a essas transformações e fez, claramente, sua opção pelo Rio de Janeiro alegando ser ali o lugar da civilização, da cultura e da sofisticação.

Nos anos de 1980 a cronista continua a defender o Rio, mesmo que por meio de uma digressão na qual se propõe a falar sobre a juventude, mas o pano de fundo ainda é a cidade. Esta crônica denomina-se *Esses moços, felizes moços*, de 19/01/1988. Rachel de Queiroz inicia confirmando o samba que diz que o Rio de Janeiro continua lindo – floresta, montanha e mar. No entanto, não deixa de criticar o furacão brizolista. Lembramos que a autora renega o trabalhismo na perspectiva getulista que teve Leonel Brizola como continuador dessa política. Rachel de Queiroz chega a apoiar o golpe militar de 1964 por temer um retorno dos ideais da política varguista, portanto, não é de se estranhar as críticas que faz: “o que não falta está ruim. Telefone, condução, asfalto

das ruas, escolas. A bandidagem dominando as favelas – é a da pesada. da droga, a que usa escopeta e metralhadora.”(QUEIROZ, 1989:169)

Mas, apesar de tudo isso, Queiroz enfatiza que a mocidade se segura. A crônica, a partir daí, expõe um panorama da juventude dos anos 80 a partir do olhar da escritora. A ideologia desses moços e moças é a abominação pelo gordo. O corpo é cultuado e exibido nas praias, piscinas, academias.

O gosto dos moços pelo rock é compreendido de forma aberta “[...]há qualquer coisa de fascinante naquele baticum primitivo, no tuntuntum repetitivo, constante, que talvez se ligue direto às batidas do coração[...] ora, deixe os meninos roquear” (QUEIROZ, 1989:169).

A cronista relaciona esse gosto também ao intolerável barulho urbano. Nesse sentido, a cidade é a verdadeira responsável pela “desumana agressão sonora”. A crônica revela assim, a sonoridade da cidade no tráfego pesado dos veículos, no escapamento das motos, na música que sai das lojas, nos alarmes estridentes dos carros, nos tambores e baterias dos blocos que ensaiam para o carnaval, nos caminhões da limpeza urbana que trituram o lixo, as serras, betoneiras, bate-estacas da construção civil. (QUEIROZ, 1989: 170).

Para além desses aspectos urbanos a autora destaca as condições de ensino, apontando o círculo vicioso de professores mal formados e que formam mal. Por fim, volta a falar dos “meninos” que diversificam as suas fontes de informação que não são mais apenas matérias de livro e jornal, mas também a mídia eletrônica. O palpite da autora é que deles virá uma humanidade muito especial.

Na crônica “Brasília e a Rosa dos Ventos”, Rachel de Queiroz, volta a externar suas críticas em relação à cidade, afirmando que esta ficou longe dos centros populacionais do país, e conseqüentemente de seus pólos de civilização e cultura. “Brasília ficou assim a mais de mil e muitos quilômetros das cidades capitais onde vive, trabalha, estuda, faz política a parte mais importante do povo brasileiro: Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Manaus e todas mais”. (QUEIROZ, 1989: 183)

Esse fato, segundo a autora, leva ao desgaste os homens públicos que são obrigados a fazer uso diário da ponte aérea. Ela diz: “Ministros coitados, são eternos volantes viajadores, em deslocamentos frenéticos para todas as direções da rosa-dos-

ventos. Terminando assim: “E afinal esses homens precisam das suas horas de sono, de comer, beber, olhar o céu, a terra em redor, brincar com as crianças. Ler! Terão esquecido que também são de carne como nós”. (QUEIROZ, 1989: 183)

As críticas que faz à Brasília numa perspectiva comparativa com o Rio de Janeiro, adquire uma certa complacência ao tratar da cidade de São Paulo. Na crônica “São Paulo e eu” escrita em 12 de Janeiro de 1988, a autora rememora quando conheceu a cidade, chamada com orgulho naqueles tempos de “a cidade das mil chaminés”. Conjectura a cronista que “naquele tempo, fumaça industrial no ar dava prestígio”. (QUEIROZ, 1989: 165).

A autora narra que se mudou para São Paulo num período ainda de dolorido rescaldo da perda Revolução de 32. Ela e o marido foram morar pertinho da Praça da Sé. E, pondera, numa perspectiva comparativa aos dias atuais: “Toda a vida da cidade se exercia dentro dos limites do chamado Triângulo, formado pela Rua Direita Rua 15, Rua São Bento e se prolongando um pouco pela Avenida São João, Rua Líbero, Praça do Patriarca.”(QUEIROZ, 1989: 165).

Ainda num exercício de rememoração a cronista conta que o viaduto do Chá era o lugar onde as mulheres traídas ameaçavam se atirar. Outro espaço das suas lembranças de convivência era o Bar Franciscano onde tomavam chope escuro e debatiam os destinos do mundo, ou seja, do proletariado nacional e internacional.

Comparando São Paulo ao Rio a autora diz que a primeira estava longe da leviandade da outra, parecendo mais confiável por ser tradicional: “tinha os quatrocentões lendários, tinha a italianada diligente, ruidosa e próspera”. Considerada provinciana por alguns, para Rachel de Queiroz “São Paulo era Paris, era Roma, era Londres: “o frio da garoa no rosto, na volta noturna para casa, o corpo enrolado estreitamente no capote[...], o pastel quente do japonês na esquina da Sé, as cantinas, o Brás, o Bexiga, puro Antoninho de Alcântara Machado, nosso ídolo.” (QUEIROZ, 1989: 165)

São Paulo, nesse tempo, faz parte de uma lembrança muito especial para a cronista. Mas nos anos 80 do século XX, vê a cidade com outros olhos. A topografia da cidade confunde os visitantes. “Parece que os paulistas fazem de propósito: basta a gente dar uma pequena ausência, eles aproveitam, mexem em tudo, mudam as ruas, as fachadas dos prédios, estiram pernas de viadutos cobrindo as avenidas, a periferia

avança como um exército em todas as direções da rosa dos ventos”. (QUEIROZ, 1989:166)

Para Queiroz, no entanto, São Paulo apresenta sempre algo de novo em sedutor:

[...]os meninos dos grafites são a prova de que não se conseguiu matar a parte do sonho, a alma de Macunaima. Ali estão as pegadas do Mário, do Oswald, de Cassiano, do Antoninho. De Tarsila, de Pagu. E porque não, também, as de Monteiro Lobato? E tudo vivo, bulindo, rompendo caminho. (QUEIROZ, 1989:166)

Apesar dos elogios e das críticas que faz às consideradas principais cidades brasileiras, a autora vê ali também os problemas sociais causados pelo crescimento descontrolado dos grandes centros urbanos. Na crônica “Os meninos de rua” de 27/05/1988 a cronista aborda um tema que marca a vida das cidades brasileiras na contemporaneidade:

Todos vêm, sai nos jornais, na TV, no cinema. Dormindo em uma cama de jornal, nos vãos de entradas dos prédios, debaixo das marquises. Cobertos, às vezes três e quatro deles, com um retalho de lona, um farrapo de cobertor.(...) São os meninos de rua(...) Não têm cor certa – podem ser louros como filhos de gringos, pretos, mulatos, sararás, caboclos tipo piá de índio, ou misturado disso tudo. (QUEIROZ, 1989: 184)

Para ser mais “correta” explica que entre eles há meninas e algumas delas, por volta dos doze ou treze anos, estão visivelmente grávidas, outras carregam o filho no braço ou no quadril. Para além do sentimento de dó, de culpa, vergonha, o que mais faz sentir em relação aos meninos de rua é um desejo impossível: juntá-los num trem ou comboio e levá-los sem disciplina, nem bedéis, sem pito nem sermão para uma fazenda onde houvesse espaço para eles, e “em certa medida (porque não?) até carinho. O povo do interior dá valor às crianças. Na cidade é que elas são lixo”. (QUEIROZ, 1989: 185)

Queiroz pondera que as crianças podem não querer ir, mas não serão obrigadas, serão convidadas “sem obrigações, sem sinetas, sem portões fechados, terra livre, água, banho de rio, anzol, bodoque. Bichos, cavalos, burros, carneiros, galinhas, vacas”.(QUEIROZ, 1989 : 185)

Apesar de considerar isso uma utopia a autora pondera que as grandes cidades, assim como as grandes construções como Itaipu, são utopias que se realizaram. Ela se recusa a acreditar que para os meninos de rua a única solução é a polícia. Por fim pondera: “É, mas quem – que rico, que poderoso, que santo – terá esses braços prontos para receber os nossos meninos de rua?” (QUEIROZ, 1989:186)

A utopia das cidades como Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, em nossa concepção ao interpretar a cronista, aponta para a necessária relação cidade/campo, o que diz respeito à sua própria história de vida. As cidades devem ser pensadas em seu avesso, em suas potencialidades e carências. Nas possibilidades de crescimento humano, cultural, social e econômico, mas também como espaço das contradições, do abandono e da resignação.

Considerações finais:

Uma das grandes preocupações da história contemporânea consiste na questão documental, seja na criação, preservação e divulgação dos documentos produzidos pelos homens no seu tempo, seja na ampliação dessa noção. Marcos Silva (1996) num artigo cujo título expressa bem essa questão: “A cidade e seus patrimônios (textos, imagens e sons)” procura mapear, nas administrações municipais de São Paulo e Campinas as possíveis referências para pesquisa. Apelando para uma política pública que zele por essa documentação ele assim a descreve: fotografias, plantas de edificações, pronunciamentos, relatórios, atas, registros iconográficos, manifestações de setores da comunidade. Acreditamos que este texto contribui para mostrar que a crônica é também um importante documento para se conhecer a cidade. Por meio dela compreendemos representações construídas por diversos autores em tempos específicos.

Ainda segundo De Paula:

Também necessária é a convocação das literaturas e das artes como acessos privilegiados à compreensão das cidades. A cidade como promessa de libertação e felicidade tem lugar importante na obra de Tchecov, por exemplo. Suas personagens femininas, quase sempre oprimidas pelo opaco do campo, sonham com a cidade grande como libertação. É também decisivo o papel das grandes cidades, Paris, São Petersburgo, Berlin, Londres... como veículos de corrupção e perdição sobre certas vontades frouxas, como se vê nas obras de Balzac, de Dickens, de Dostoiévski, de Alfred Doebelin[...] (DE PAULA, 2006:22)

Podemos observar também nas crônicas de Rachel de Queiroz as lutas de representação (CHARTIER) sobre a passagem da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília, conforme a leitura de uma das mais importantes escritoras brasileiras. Se nos parece que essa transferência foi uma simples redefinição de espaço, suas crônicas apontam que não.

O Rio das contradições, dos *sheratons* e da favela, dos *hiltens* e dos meninos e meninas de rua, dos moços roqueiros e do barulho urbano, do bonde, da paisagem exuberante, da cultura e da sofisticação, foi preterido pelos políticos por uma cidade longe de todas as outras capitais, na sua concepção, sem “tradição cultural”.

Os argumentos da cronista podem não ser facilmente compreendidos, mas explicitam que a política brasileira vive de conflitos. Mesmo aqueles governos tão bem sucedidos como o de JK foram alvos de questões e enfrentaram forte resistência.

A cidade de São Paulo anteriormente lida pela cronista como lugar ainda sem o potencial ilustrado e “culto” do Rio, numa crônica inicial, é, em outro momento, exaltada pela cronista que a compara a Paris, Roma e Londres. Acreditamos que essa condescendência talvez um dia poder-se-ia estender-se à Brasília, mas aqui entramos no reino das conjecturas e não podemos nos esquecer que, na verdade, as críticas construídas pela cronista devem levar em conta sua posição política e seu descrédito por um projeto entendido por muitos como “megalomaniaco” e desnecessário. Para ela o Rio seria, para sempre, a capital.

Referências:

DE PAULA, João Antônio. As cidades. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (org.). *As Cidades da Cidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1004

PINHEIRO, Adriana Sardinha. Crônica sobre trilhos: o bonde carioca na obra de Machado de Assis e Olavo Bilac. In: <http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a105.htm>, acessado em 02/11/2009.

QUEIROZ, Rachel de. *Obra Reunida*. Vol.4 e 5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SANTOS, Regma M. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycidio Paes*. Uberlândia: Aspectus, 2005

SILVA, Marcos A. da. A cidade e seus patrimônios (textos, imagens, sons). *Projeto História*, São Paulo, (13), jun. 1996., p. 71-79

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992